

VARIAÇÕES ANATÔMICAS DO PROCESSO ESTILÓIDE EM UMA ANÁLISE DE COLEÇÃO OSTEOLÓGICA DA UFPEL

FABIANA COPPE¹; CAMILA ZANELA²; DAIANE JACOBSEN RACKOW³;
ESTHER SOARES⁴; ISABELA DA SILVA MARQUES⁵; ALISSON FONSECA⁶;

¹Universidade Federal de Pelotas – fabianacoppe0610@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – camilazanela12@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – daianejrackow@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – esthersoares2301@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – isabela.smarques@outlook.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – dralissonfonseca@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Os ossos temporais apresentam uma forma irregular, que se relaciona com suas múltiplas funções. Eles formam a transição entre a parede craniana e a base do crânio, abrigando os órgãos responsáveis pela audição e contribuindo para a formação da superfície superior da articulação temporomandibular (ATM). Na porção petrosa dos ossos temporais encontra-se o processo estilóide, uma haste óssea fina e pontiaguda projetada ântero-inferiormente a partir da base do osso temporal. Este processo apresenta uma projeção delgada, de comprimento variável, sendo frágil e frequentemente quebrado ou ausente em ossos secos. O processo estilóide serve como ponto de ancoragem para o ligamento estilo-hióideo (que pode estar parcialmente ossificado) e para diversos pequenos músculos. (WHITE; BLACK; FOLKENS, 2011)

A Síndrome de Eagle é uma anomalia associada ao alongamento do processo estilóide dos ossos temporais ou à calcificação do ligamento estilohióideo. Ela se manifesta como um conjunto de sintomas que inclui dor facial recorrente, sensação de corpo estranho na garganta e disfagia. A prevalência da síndrome na população geral varia entre 4% e 7,3%, sendo mais comum em indivíduos do sexo feminino. Apesar de não ser considerada uma síndrome rara, na maioria dos casos, apresenta-se de forma assintomática. (SÁ et al., 2004)

O objetivo desta pesquisa foi avaliar a incidência da variação anatômica do processo estilóide do osso temporal, visando estimar a possível presença da Síndrome de Eagle na coleção de ossos contemporâneos da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). A análise dessa variação é relevante, uma vez que sua frequência na população representada na coleção pode ter impactado o bem-estar e a saúde desses indivíduos em vida. MARQUES (2004) catalogou e descreveu a coleção óssea não-identificada.

2. METODOLOGIA

Foi realizada uma análise da coleção óssea da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), com o manuseio, verificação e medição de cento e três (103) crânios secos.

Apesar de seu tamanho variável em estudos radiográficos, o processo estilóide é considerado normal quando mede menos de 2,5 cm e alongado quando ultrapassa 4,0 cm, o que sugere a presença da Síndrome de Eagle. No entanto, é necessário prosseguir com outras investigações (SÁ et al., 2004). A

pesquisa foi baseada em buscas realizadas no Google Acadêmico, utilizando termos como "Síndrome de Eagle" e "Processo Estilóide".

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos cento e três (103) crânios secos da coleção da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) revelou que três crânios apresentaram variações anatômicas no processo estilóide do osso temporal. Os crânios identificados foram:

1. CRN-U 554: Com comprimento de 4 cm, apresentando partes quebradas, o que sugere que seu tamanho original era provavelmente superior a 4 cm.
2. CRN-U 519: Medindo aproximadamente 3 cm, também com fraturas.
3. CRN-U 489: Sem fraturas, medindo cerca de 3 cm.

De acordo com o exposto por (SÁ et al., 2004), tal variação anatômica observada na coleção preconiza a possibilidade de que esses indivíduos tenham sido afetados pela Síndrome de Eagle. A identificação de três crânios com variações que sugerem essa condição na coleção da UFPEL é significativa, dado que a prevalência da síndrome na população geral varia de 4% a 7,3%. Isso indica a possibilidade de que uma parte da população analisada possa ter manifestado a síndrome.

Os resultados obtidos corroboram a literatura, que sugere que variações anatômicas do processo estilóide são comuns e frequentemente não diagnosticadas em vida. A ausência de registros clínicos e radiográficos dos indivíduos dessa coleção representa uma limitação para o estudo. No entanto, a análise morfológica dos crânios oferece revelações valiosas sobre a saúde desses indivíduos. Além disso, a falta de tratamento cirúrgico em vida sugere que esses sujeitos possivelmente enfrentaram consequências indesejáveis associadas à condição, sem intervenção médica adequada.

A variação no comprimento do processo estilóide, especialmente quando ultrapassa 4 cm, como observado no CRN-U 554, pode indicar um maior risco de desenvolvimento dos sintomas associados à síndrome de Eagle. Além disso, verificou-se que estes três crânios tratam-se de indivíduos do sexo feminino o que confirma a prevalência sindrômica em mulheres conforme relatado na literatura. Descrição do sexo da coleção embasada em WHITE; BLACK; FOLKENS (2011). A predominância em mulheres poderia ser um ponto a ser explorado em investigações futuras, buscando entender se há uma predisposição anatômica ou hormonal que contribua para essa condição.

Para mais, amparado em um estudo ainda não concluído referente a análise morfológica de crânios, baseado na metodologia de HEFNER (2009), foi possível descobrir a preponderância da ancestralidade dos três crânios, os quais conferem origem ameríndia e africana em sua maior proporção. Assim, esses dados podem ser examinados de forma mais detalhada em estudos e investigações subsequentes.

Em suma, a análise dos crânios da coleção da UFPEL não apenas evidenciou a ocorrência de variações anatômicas significativas, contribuindo para o enriquecimento do acervo da Universidade Federal de Pelotas e ampliando a base de informações disponíveis, como também ressaltou a importância de

investigações adicionais sobre a Síndrome de Eagle e suas manifestações, especialmente em populações arqueológicas e históricas.

4. CONCLUSÕES

Portanto, com base na análise dos crânios secos da coleção da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e a partir dos resultados que relatam a presença de variação anatômica em três (3) dos cento e três (103) crânios averiguados, destacamos que o percentual de incidência da variação anatômica explorada seja de aproximadamente 3% de acordo com os dados investigados na coleção.

Ademais, dentre os três (3) crânios portadores de variação, confirmam estes serem de pessoas do sexo feminino, o que vem corroborando com a literatura. Diante disso, inferimos que possivelmente estes indivíduos portaram a Síndrome de Eagle e que por não terem sido submetidos a nenhuma interferência cirúrgica em vida, tal condição supostamente possa ter influenciado no bem estar desses indivíduos em um passado remoto.

Este trabalho destaca a relevância da investigação morfológica em coleções osteológicas, visto que a identificação de variações significativas, especialmente em indivíduos do sexo feminino e com ancestrais diversos, abre novas possibilidades para pesquisas sobre a prevalência da síndrome em diferentes grupos populacionais. Além disso, o estudo sugere uma necessidade premente de maior atenção a essas variações em contextos clínicos e antropológicos, promovendo uma abordagem integrada entre anatomia, saúde e história.

Essa investigação não apenas enriquece a base de dados da UFPEL, mas também enfatiza a importância de perspectivas multidisciplinares na compreensão das condições de saúde que podem ter impactado populações passadas. Assim, o trabalho contribui para um entendimento mais profundo das interações entre características anatômicas e a qualidade de vida, estabelecendo um alicerce para futuras investigações na área.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEFNER, J. T. Cranial Nonmetric Variation And Estimating Ancestry. **Journal of forensic sciences**, vol. 54 n.5, p.985-995, 2009.

MARQUES, I. S. **Bioarqueologia dos esquecidos: desafios éticos a partir do trabalho com uma coleção de ossos contemporâneos do Rio Grande do Sul**. 2024. 76f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Curso de Pós Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas.

SÁ, D. C. A.; ZARDO, M.; JUNIOR, A. K. O. P.; SOUZA, R. P.; NETO, F. B.; DREWECK, M. O., OLIVEIRA, R.; NEME, M. P.; RAPOPORT, A. Alongamento Do Processo Estilóide (Síndrome De Eagle): Relato De Dois Casos. **Radiol Bras** 2004; 37 (5): 385-387. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rb/a/pR3QYKyDhKqfSbnXxYgLbRp/?lang=pt>. Acesso em: 06 Set. 2024.

WHITE, T. D.; BLACK, M. T.; FOLKENS, P. A. **Human osteology**. Amsterdã: Elsevier, 2011.